

sessões do MAGINÁRIO

VOL. 21 | N. 35 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Control, Pawel Kuczynski, 2016.

P. 2

Tendências do Cinema Brasileiro contemporâneo: modelos de produção e de representação

Miriam de Souza Rossini, Vanessa Kalindra Labre de Oliveira, Bibiana Nilsson e Guilherme Fumeo Almeida

P.12

Jogos Olímpicos de 2016: a celebração do "viver junto" nos filmes feitos para a candidatura do Rio de Janeiro

Paula Regina Puhl, Nelson Todt, Fábio Chelkanoff Thier e Vinicius Mano

P. 31

Pokémon, gotta catch them all: comunidade, jogo e memória

Camila Freitas e Mariana Amaro

Entre história, memória e narrativa: interfaces mediadas pela comunicação^{1,2}

Between history, memory and narrative: interfaces mediated by the communication

Larissa Conceição dos Santos³ 

Resumo

Busca-se, através de um ensaio de caráter teórico-reflexivo, analisar a interface existente entre os conceitos de história, memória e narrativa. Adota-se uma abordagem comunicacional, onde o ponto de vista focalizado incide sob a comunicação e sua instância mediadora, permitindo a materialização da história e da memória por meio das narrativas. Destaca-se, dessa forma, a linguagem como elemento socializador da memória, e enfatiza-se, igualmente, o papel das narrativas na sistematização e reconstituição da história (Dosse, 1998). Finalmente, observa-se como a apropriação destes conceitos pela comunicação das organizações conduz à resignificação do passado, por meio das narrativas da história organizacional.

Palavras-chave

Comunicação organizacional; narrativas organizacionais; história; memória.

Abstract

Through a theoretical and reflective essay, we search to analyze the existing interface between the concepts of history, memory and narrative. We adopt a communicational approach, where the focused point of view is on communication and its instance mediator, enabling the materialization of history and of memory through the narratives. We emphasize, in this way, the language as an element of socializing, and emphasizes also the role of narratives on systematization and reconstruction of history (Dosse, 1998). Finally, it is observed as the appropriation of these concepts by the organizational communication leads to resignification of the past, through the organizational history narratives.

Keywords

Organizational communication; organizational narratives; history; memory.

Introdução

Os conceitos de história, memória e comunicação, embora aparentemente distantes, em função do campo disciplinar no qual estão sedimentados, guardam entre si uma profunda inter-relação.

É possível observar esse entrelaçamento entre memória e comunicação por meio das narrativas, pois através delas damos voz, corpo e forma aos registros, recordações, lembranças do passado guardadas em nosso inconsciente. Assim, a memória seria a substância, o conteúdo da narrativa (Gardère, 2003).

De uma maneira geral, evidencia-se a recuperação e *mise en circulation* do passado mediado pela comunicação, através das formas narrativas (narrativa escrita, oral, etc.), que lhe dão voz, ou por meio dos mais variados dispositivos (manuscrito, livro, vídeo, fotografia, áudio) que lhe dão suporte.

Para Barbosa e Ribeiro (2011, p. 10) essa dimensão está relacionada ao “estatuto narrativo” que está na base da formação tanto da comunicação quanto da história:

Não se trata apenas de considerar que o produto da pesquisa na área de ciências humanas é sempre uma escritura, um texto, que descreve e reflete sobre processos sociais, interpretando atos e ações de um tempo considerado próximo ou distante, mas que, numa espécie de dupla relação, tanto a comunicação como a história percorrem sempre caminhos narrativos.

A evolução e expansão comunicacional a partir do século XV, especialmente dos meios de telecomunicação (advento da impressão, do gravador, do rádio), até o surgimento das mídias digitais atuais, afetaram (e ain-

da afetam) profundamente o registro e conservação da história e da memória.

Isto é, à medida que a comunicação humana foi se desenvolvendo, mudou também a nossa forma de fazer história, de contá-la, mas também de preservá-la: da transmissão do passado através dos relatos orais (Goody, 1979), passando pela sistematização da história e surgimento da historiografia, a partir da escrita e da impressão, até o registro eletrônico e formação de acervos virtuais na era da *digital history* (Cohen; Rosenzweig, 2006), possibilitados pela internet e pelas mídias digitais.

Por outro lado, o autoritarismo e protagonismo dos Estados-Nação, como porta-vozes de uma história-memória oficial e legitimada, entram em ruptura nos anos 70, dando lugar à fragmentação e à multiplicação de memórias individuais e coletivas (Dosse, 1998), destacando-se entre elas o lugar ocupado pelas organizações.

Ao resgatar suas raízes, suas origens, indivíduos e instituições reconstroem sua história ao mesmo tempo em que redefinem a História-Efetiva (Barros, 2009). Tal processo é observado por Lyotard (1979) como uma das marcas da pós-modernidade, onde a partir da crise das metanarrativas explicativas abre-se espaço ao surgimento de novas narrativas, singulares, identificáveis com os valores de sujeitos múltiplos e complexos.

Através deste ensaio, busca-se examinar a interface existente entre a história, a memória e a narrativa, tendo como ponto de inflexão a comunicação, a qual permeia todos e cada um desses conceitos. Finalmente, apresentam-se as possibilidades de estudo para a comunicação organizacional, resultantes da aproximação entre os estudos organizacionais e a abordagem historiográfica, originando o campo da história organizacional/empresarial.

Memória e história: faces de uma mesma moeda (?)

Os conceitos de história e memória foram durante muito tempo confundidos, ou utilizados como sinônimos para fazer menção a tudo aquilo relacionado ao passado. Como consequência, a memória era ofuscada pela história, esta símbolo do rigor e cientificismo que asseguravam sua credibilidade.

Coube à sociologia, e mais precisamente a Maurice Halbwachs, a emancipação da memória enquanto campo de estudo próprio, e sua distinção (mas nem por isso oposição) da história, à qual se via por vezes subordinada.

Para Halbwachs (1997) a memória diz respeito ao vivido, ao sentido, ao experimentado, ao concreto, à imagem, enquanto a história remete ao científico, ao problematizado, ao crítico, ao domínio intelectual. Dessa forma, a memória estaria situada no limite da história: onde termina o sensorial (memória) começa o científico (história).

A memória simboliza, nesse sentido, a multiplicidade, a pluralidade de vozes que compõem ou operam na formação de uma memória coletiva. Enquanto a história mostra-se, aparentemente, unilateral, representando uma voz oficial (que fala em nome da história com H maiúsculo), expressando uma visão única e universal (Dosse, 1998).

Sobre a oposição entre os conceitos de história e memória, que relacionam normalmente este com a fidelidade (dos fatos) e aquele com a verdade, destaca Lavabre (2000, p. 51, tradução da autora):

As diferentes polêmicas (e não controvérsias) que perturbam há muitos anos o mundo dos historiadores não deixam de fazer ressurgir a oposição da história e da memória, seja desqualificando essa

última – enganadora, ativista – em oposição à história portadora da verdade ou de puro saber sobre o passado, seja afirmando o inverso um “dever de memória”, a exigência de uma luta conta o esquecimento que a história não saberia satisfazer⁴.

Para Dosse (1998) é através da mediação da narrativa que uma articulação entre essas dimensões, aparentemente divergentes, mas tão inter-relacionadas entre si, poderia se realizar. O autor evidencia, nesse sentido, o valor dos relatos como porta-vozes da memória e, portanto, mecanismos eficazes à restituição da história.

A narrativa é vista como um mecanismo de comunicação que permite ao indivíduo expressar-se, reconstruir por meio da linguagem aquilo que guarda em sua memória. “Lembrar é contar uma história”, diria François Dosse, seja ela fragmentada, ou dispersa. Mas para que essa narrativa exista faz-se imprescindível a existência de uma história.

No entanto, salienta o autor, “essa memória origina-se portanto de uma trama tanto privada como pública. Ela ocorre como emergência de um relato constitutivo de uma identidade pessoal ‘enredada nas histórias’ que faz da memória uma memória partilhada”⁵ (Dosse, 1998, p. 6, tradução da autora), o que demonstra o caráter plural das narrativas, as quais trazem à tona uma memória social, formada pela composição, ou sobreposição de memórias que habitam na sociedade. Segundo Cabecinhas (2011, p. 175) a memória social

corresponde a um conjunto de representações sociais sobre o passado, que são construídas e partilhadas no seio de um determinado grupo social [...] constituídas através dos processos de comunicação cotidiana, contribuindo para a percepção de

uma realidade comum a um determinado grupo e servindo como guia da acção desse grupo.

A autora analisa a influência das narrativas identitárias no processo de (re)construção da memória social. Isto é, observa a partilha de valores, ideais, percepções no seio dos grupos, através da circulação de múltiplas narrativas, que, por sua vez, contribuem à formação de uma dada representação de si, dos outros e do mundo. As narrativas são carregadas de simbologias, pré-concepções, e marcas identitárias, que tornam cada relato único, guardando as marcas daquele que a produz.

Assim, o passado não é conservado, preservado de maneira fixa e intacta. Ele é reconstruído, reatualizado à luz do presente, a partir dos grupos sociais, “porque o indivíduo isolado é uma ficção, a memória do passado só é possível graças aos quadros sociais da memória ou, invertendo o ponto de vista, a memória individual torna-se realidade apenas quando ela participa da memória coletiva”⁶ (Lavabre, 2000, p. 54, tradução da autora).

Salienta-se também a influência das instituições, Estado, organizações políticas, midiáticas, na (con)formação da memória social. São estes os chamados lugares por trás dos lugares “aqueles nos quais iremos encontrar não a produção ou elaboração da memória coletiva, mas os seus criadores maiores, as forças que impõem a memória coletiva de modos diversos, gerando os lugares de memória mais específicos” (Barros, 2009, p. 51).

Ora, se a linguagem e a comunicação são os elementos socializadores da memória não se pode negligenciar o papel das narrativas organizacionais na reconstrução ou reatualização da memória social.

Dessa forma, no presente ensaio, destaca-se o pa-

pel das empresas enquanto instâncias portadoras de uma memória que se partilha, se atualiza e se ressignifica através das narrativas histórico-organizacionais, e de suas implicações à formação da memória social.

Interfaces entre história, memória e narrativa

Após um período de questionamentos sobre o papel e o lugar da memória como objeto de estudo da historiografia, Pierre Nora traz à luz seus ensaios sobre os “lieux de mémoire”, inscrevendo definitivamente a memória na disciplina histórica.

A abertura ao uso da memória como fonte histórica e o reconhecimento das fontes orais ganham espaço na historiografia, surgindo, com isso, novas tendências como a micro-história, as narrativas de vida, a história oral, as quais valorizam as histórias particulares e possibilitam a formação de uma “Grande História” formada por histórias plurais. A recuperação da memória a partir das entrevistas abre caminhos para novas fontes que irão nutrir a escrita da história.

Com respeito aos conceitos de narrativa e história, observa-se uma profunda interdependência entre os termos, a história sendo muitas vezes entendida como enredo, mas também substância, conteúdo da narrativa, de maneira que uma não pode existir sem a outra, conforme enfatiza Genette (2007, p. 17, tradução da autora):

História e narração só existem portanto para nós por intermédio da narrativa. Mas reciprocamente a narrativa, o discurso narrativo só é tal enquanto ele conta uma história, sem o qual ele não seria narrativo [...] e enquanto seja proferido por alguém, sem o qual [...] ele não seria em si mesmo um discurso.⁷

E se a experiência humana do tempo só se torna

possível através da narrativa (Ricoeur, 1983), é ela, portanto, que impõe o ritmo ao relato histórico. Ou seja, é a narrativa que atribui uma temporalidade à história, sem a qual os fatos e acontecimentos vagariam desconexos e fragmentados no espaço.

Semelhante aproximação pode ser observada nos escritos de Benjamin (1994), para quem a história era entendida enquanto relato, e a prática narrativa cristalizada através da arte de contar histórias. Para o autor quanto mais se aproximarem das histórias cotidianas, contadas pelos narradores ordinários, melhores serão as narrativas.

O narrador ideal, nesse sentido, conjugaria duas dimensões essenciais: o conhecimento do mundo e o conhecimento do passado, de modo a transmitir através das narrativas as suas experiências, ensinamentos morais, lições de vida, conselhos, etc.

Dessa forma, a vivência, a experiência e conhecimento do mundo outorgam ao sujeito narrador uma certa “autoridade de conselheiro”, conforme enfatiza Bosi (2004, p. 34): “quando o velho narrador e a criança se encontram, os conselhos são absorvidos pela história: a moral da história faz parte da narrativa como um só corpo, gozando as mesmas vantagens estéticas (as rimas, o humor...)”.

Nos dias atuais tais premissas assumem novas formas, as narrativas ganham outras roupagens. A tradição oral de transmissão de ensinamentos, que outrora atravessava as gerações, é substituída pelas narrativas midiáticas, publicitárias, jornalísticas, e a moral da história agora conduz os indivíduos a adotarem certas práticas (culturais, de consumo, de comportamento) muitas vezes incitando-os à ação, à reflexão e ao engajamento para com diferentes causas (Santos, 2014b).

Outros usos comunicacionais das narrativas po-

dem ser visualizados também através da incorporação de relatos, depoimentos, narrativas de vida, nas campanhas de prevenção e de sensibilização. Também no âmbito organizacional, por meio de ações de comunicação voltadas especialmente ao público interno, onde o relato de vida tem um papel valorizante (reconhecimento do indivíduo, de sua trajetória) mas também visa fortalecer a integração e o sentimento de pertença ao grupo, onde frequentemente história pessoal e história organizacional se entrecruzam formando uma “narrativa híbrida”.

A compreensão da narrativa como forma de comunicação “artesanal” é outro ponto ressaltado por Benjamin (1994). A narrativa vista como um mecanismo de comunicação da experiência humana, através da qual o narrador imprime suas marcas, traços, vestígios daquilo que é narrado (qualidades, julgamentos, valores, crenças, etc.). O que nos leva a refutar a ilusão de neutralidade, muitas vezes atribuída a certas narrativas, como, por exemplo, as narrativas organizacionais que serão examinadas a seguir, e a atentar para as ideologias impregnadas na trama narrativa.

Nesse sentido, questiona Bosi (2004, pp. 19-20)

Como arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro” memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados.

Esse aspecto da narrativa é também analisado por Gardère (2003), a qual observa a transmissão da experiência humana por meio das narrativas, entendendo que a memória encontra na narração o seu canal de expressão.

Faz-se necessário salientar, ainda, o caráter social e coletivo por trás da construção das narrativas memoriais. Há uma influência da memória coletiva sobre a formação da memória individual, operada através das narrativas que circulam na sociedade, e que são, por sua vez, compartilhadas, reconstruídas, ressignificadas de tal forma que é possível observar a presença de uma narrativa coletiva “privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde” (Bosi, 2004, p. 17-18).

É dessa forma que a memória pública, que circula nas mídias, nas instâncias políticas e governamentais refletindo uma ideologia dominante, influencia a memória individual. Mas as implicações das narrativas sociais, sejam elas individuais ou institucionais, vão além: elas afetam também a formação e a escrita da história. Isso porque os relatos, as narrativas que são fontes de memória, servem a retroalimentar e, muitas vezes, questionar algumas versões da história oficial.

Também a memória social pode ser influenciada pela história (ou pelas histórias) difundida na sociedade. Por estarem de tal maneira inseridas na vida social a História é capaz de suggestionar e contaminar as narrativas (individuais ou coletivas), de forma a adaptá-las a um discurso dominante, previamente apreendido e socialmente aceito.

Analisa-se a seguir como a memória e a história podem se tornar objeto da comunicação nas organizações, questionando, ainda, quais as implicações relacionadas à construção e difusão das narrativas históri-

co-organizacionais para a (re)constituição da memória social e, conseqüentemente, à escrita da história.

Narrativas organizacionais e (re)constituição da história

A memória e a história tem conquistado cada vez mais o espaço na agenda das organizações, suscitando, por consequência, inúmeras reflexões a respeito da apropriação do passado e da responsabilidade organizacional para com seu patrimônio.

Como resultante da aproximação entre história e empresa nasce a “história organizacional”, um campo de estudos hoje explorado por diferentes disciplinas e que tem por foco principal a trajetória de organizações, mas também analisa a história de seus integrantes (história dos dirigentes, história dos funcionários, etc.), bem como a evolução dos segmentos industriais/empresariais, entre outros temas.

Os primeiros indícios do surgimento da história organizacional/empresarial datam de 1925, com a expansão da *business history* nos Estados Unidos, corrente ligadas aos estudos de gestão vinculada à Universidade de Harvard. Inicialmente a relação entre história/memória era foco de interesse dos estudos organizacionais, e, por vezes, menosprezada pelos pesquisadores em história, como uma vertente pouco promissora (Torres; Hamon, 1987).

Mas a partir da década de 70 a história empresarial adquire amplitude e reconhecimento como campo científico, que permeia agora tantos as disciplinas gerenciais, administração, e economia, como a história, pelo viés da história pública e da história econômica, e mais recentemente também a comunicação.

A abordagem histórica permite analisar o passado, a história e a memória, como objetos da comunicação.

Como resultado a história organizacional constitui atualmente uma fonte para a elaboração de diversas ações comunicacionais, culminando com o crescimento do número de centros de memória e história empresariais.

Tratam-se de projetos ligados à salvaguarda da memória e da história, tais como os museus, exposições, vídeos institucionais, as publicações empresariais (livros, pôsteres, encartes) e ainda os sites ou domínios eletrônicos dedicados ao relato da trajetória organizacional.

Para além destes elementos propriamente históricos, onde o objetivo é mediatizar, dar visibilidade ao passado das organizações, torná-lo público e visível à sociedade, existem ainda outros usos ou contribuições da história às organizações. Destaca-se, por exemplo, a contribuição da história e da memória ao diagnóstico interno, nos processos de mudança organizacional, resgate e fortalecimento da identidade e reposicionamento estratégico em contextos de fusões e aquisições.

No entanto, ao apoiar-se nos registros do passado como base para a recomposição da memória organizacional é preciso ter em conta que esse processo implica uma reconstrução a partir de evidências (lembranças, objetos, imagens, sons) forjados no bojo do presente, da realidade social e cultural ao qual pertencem os indivíduos e instituições. Nessa restituição influem, portanto, as percepções dos atores envolvidos, mas principalmente as necessidades e interesses que estão em jogo e motivam o resgate histórico-organizacional.

A construção das narrativas por si só já constitui um trabalho de seleção, onde fragmentos da história, episódios, fatos, momentos na trajetória da empresa serão relatados, e outros por vezes desprezados. Da mesma forma, apesar da narrativa representar a instituição como um todo, subentende-se que nela são privilegiadas algumas visões ou versões dos fatos, seja em

função dos indícios e testemunhos resgatados, ou do acervo disponível, seja em função de decisões políticas e institucionais, relativas às estratégias da organização e que justificam a publicação de uma dada “versão” da história (Ex: livros empresariais que exaltam as ações de um ou outro dirigente, etc.).

No âmbito da comunicação questiona-se, por exemplo, a influência das publicações empresariais e das narrativas (orais e escritas) que relatam a trajetória das organizações, operando um processo de resignificação por meio da circulação, leitura, apropriação e reprodução de tais “histórias” (notadamente no meio digital).

Diante desse fenômeno observa-se reapropriação da história decorrente da circulação das narrativas organizacionais na sociedade. Os diferentes relatos construídos pelas organizações podem afetar (positiva ou negativamente) a percepção dos indivíduos com relação à empresa, alterando a representação que a sociedade tem sobre determinados grupos e contribuindo à reconstrução da memória social.

O interesse das empresas na escrita da história, na narração de seus feitos, na recomposição do passado torna evidente o papel das narrativas como suportes da memória. Nesse sentido, a memória deve ser observada, e valorizada como um capital imaterial, através do qual não apenas registram-se os logros, sucessos do passado, mas também as inovações, conquistas, erros e falhas do presente.

Essa é uma visão que precisa ser adotada pelas organizações, e que está profundamente relacionada à formação da história do tempo presente (François Bédarida, Henry Ruosso) a história do agora, imediata, de um futuro que se constrói no hoje, mas que, devido à velocidade da evolução das coisas, pode tornar-se passado, obsoleto em muito pouco tempo, e que, portanto, merece ser registrado.

A narrativa histórico-organizacional pode ser entendida, dessa forma, como um processo de comunicação pelo qual as instituições recuperam seu passado, colocam em evidência a trajetória da organização e, ao mesmo tempo, reivindicam o seu papel na formação da História.

A busca por um lugar de protagonismo na narração da história faz com que as micronarrativas organizacionais sejam apresentadas, muitas vezes, como macronarrativas da história nacional, no momento em que através da história de uma organização se relata também a história do país, de uma região, de um segmento industrial, etc.

Com isso, as organizações ambicionam ir além do relato descritivo e cronológico, mas pretendem inscrever sua existência na História-efetiva, diferenciar-se e legitimar-se perante a sociedade graças à valorização de sua contribuição social, dos feitos e ações que colaboraram ao desenvolvimento de um setor, de uma região ou mesmo da nação.

Isto é, as narrativas histórico-organizacionais se apresentam como instrumentos de legitimação por meio dos quais as organizações exaltam sua função social e buscam alcançar a preferência e credibilidade face a um mercado competitivo e públicos cada vez mais exigentes, onde o valor agregado à sociedade com certeza vale mais do que uma epopeia edificante.

Considerações finais

Partindo de uma abordagem comunicacional buscou-se, através do presente ensaio, analisar as relações existentes entre história, memória e narrativa, e mais particularmente a apropriação desses conceitos e suas implicações ao campo da comunicação organizacional.

Se por um lado a história reivindica sua cientificidade, sua autoridade através de critérios de “verdade”

a ela associados, a memória, por sua vez, assegura a “fidelidade” dos fatos por meio da apresentação de indícios, vestígios, que testemunham um passado que a história insiste em sistematizar. Finalmente, o trabalho de ambos não seria possível se não através da linguagem, da comunicação que media e possibilita a passagem do fragmento da memória ao registro histórico.

Nesse processo, a narrativa faz as vezes de suporte e de produto: é ela quem dá corpo, forma e voz à memória, que traz à luz as lembranças, recordações, explicações oriundas das mais diversas fontes. Mas é através dela, também, que a história se torna possível, se materializa e circula na sociedade, graças aos mais variados recursos e dispositivos comunicacionais hoje existentes.

À medida que os meios de comunicação evoluem, altera-se também a nossa forma de contar, arquivar e transmitir a história e a memória. E se bem os diferentes suportes e sistemas podem conviver, observa-se a transição dos formatos tradicionais às plataformas de comunicação virtuais, como testemunham o surgimento de museus digitais, acervos históricos virtuais, sites dedicados à conservação e divulgação da história de pessoas, de lugares, de objetos e de instituições.

No que tange ao relato da história das organizações, destaca-se na atualidade a construção de narrativas-histórico organizacionais pautadas pelo real, pelo presente, pelas contribuições à sociedade, mostrando que as organizações estão superando as produções hagiográficas e tomando consciência de sua responsabilidade histórica (Nassar, 2008).

O culto aos personagens fundadores é, portanto, substituído pelo aporte histórico nacional, onde a organização se vê partícipe no desenvolvimento da sociedade e da nação (Santos, 2014a). Abrem-se, com isso, novas perspectivas ao estudo da história, especial-

mente no contexto organizacional, a partir de um viés interpretativo, onde a glorificação e patrimonialização do passado dá lugar ao esclarecimento das ações vividas à luz dos questionamentos presentes, em prol do crescimento e do aprendizado organizacionais.

Referências

BARBOSA, Marialva C.; RIBEIRO, Ana Paula G. Comunicação e história: um entre-lugar. In: BARBOSA, Marialva C.; RIBEIRO, Ana Paula G. **Comunicação e história: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011, pp. 9-28.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Mouseion, v. 3, n. 5, 2009, pp. 35-67.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

_____. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 222-234.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CABECINHAS, Rosa. **Narrativas identitárias e memória social: estudos comparativos em contexto lusófono**. Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2011, pp. 171-184. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/>

bitstream/1822/17954/1/cabecinhas%202011%20nims.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

COHEN, Daniel Jared; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

DOSSE, François. **Entre histoire et mémoire: une histoire sociale de la mémoire**. Raison présente, v. 128, n. 4, 1998, pp. 5-24. Disponível em: <http://www.ihtp.cnrs.fr/historiographie/sites/historiographie/IMG/pdf/Dosse_Entre_histoire_et_memoire.pdf> Acesso em: 17 jun. 2016.

GARDÈRE, Elizabeth. **Le capital mémoire de l'entreprise**. Paris: L'Harmattan, 2003.

GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. Paris: Seuil, 2007.

GOODY, Jack. **La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Albin Michel, 1997.

HAMON, Maurice; TORRES, Félix. **Mémoire d'avenir: l'histoire dans l'entreprise**. Paris: Economica, 1987.

LAVABRE, Marie-Claire. **Usages et mésusages de la notion de mémoire**. Critique Internationale, v. 7, n. 1, pp. 48-57, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **La condition postmoderne**. Paris: Les Éditions du Minuit, 1979.

NASSAR, Paulo. **Relações Públicas na construção da**

responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações. 2 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, v. 1, 2008. 206 p.

SANTOS, Larissa Conceição dos. **História e legitimação organizacional: reflexões acerca das narrativas histórico-organizacionais**. Revista Organicom, v. 11, n. 20, 2014a. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/683/531>>. Acesso em: 20 fev. /2015.

SANTOS, Larissa Conceição dos. **A narrativa organizacional para a promoção do engajamento**. E-Compós, v. 17, n. 1, 2014b. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1049/759>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

RICOEUR, P. **Temps et récit I: L'intrigue et le récit historique**. Paris: Seuil, 1983.

Notas

1 O presente trabalho foi apresentado no Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral, realizado na Universidade de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul – São Paulo, de 27 a 30 de abril de 2015.

2 O estudo em questão é parte integrante de uma pesquisa doutoral que conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Bolsa de Doutorado Pleno no Exterior - BEX Processo nº 1195-12-3).

3 Professora Substituta na Universidade Federal do

Pampa (Rua Vereador Alberto Benevenuto, 3200, Passo, São Borja/RS, Brasil. CEP: 97670-000). E-mail: larissa.conceicao@gmail.com.

4 “Les différents polémiques (et non controverses) qui agitent depuis quelques années le monde des historiens ne manquent jamais de faire ressurgir l’opposition de l’histoire et de la mémoire, soit qu’on disqualifie cette dernière – trompeuse, militante – par opposition à l’histoire porteuse de vérité ou de pur savoir sur le passé, soit qu’on affirme à l’inverse un « devoir de mémoire », l’exigence d’une lutte contre l’oubli que l’histoire ne saurait satisfaire.”

5 “cette mémoire relève donc d’un tissage à la fois privé et public. Elle advient comme émergence d’un récit constitutif d’une identité personnelle ‘enchevêtrée dans des histoires’ qui fait de la mémoire une mémoire partagée.”

6 “parce que l’individu isolé est une fiction, la mémoire du passé n’est possible qu’en raison des cadres sociaux de la mémoire ou, en inversant le point de vue, la mémoire individuelle n’a de réalité qu’en tant qu’elle participe de la mémoire collective.”

7 “Histoire et narration n’existent donc pour nous que par le truchement du récit. Mais réciproquement le récit, le discours narratif ne peut être tel qu’en tant qu’il raconte une histoire, faute de quoi il ne serait pas narratif [...] et en tant qu’il est proféré par quelqu’un, faute de quoi [...] il ne serait pas en lui-même un discours.”